HELENA SEVERO diz que vai incorporar a Sala Cecilia Meireles ao Municipal. Pág. **B6**

Reprodução



'MULHER DE BRANCO', de 1922

De quem é a mulher de Picasso?

LONDRES – O quadro *Mulher de branco*, pintado em 1922 pelo espanhol Pablo Picasso (1881-1973) e tomado de seus proprietários judeus em 1940, em Paris, pelo exército de ocupação nazista, é atualmente objeto de litígio, confirmou o Registro de Arte Perdida (ALR). A companhia, que tem sede em Londres e se dedica a recuperar obras de arte extraviadas, descobriu que a tela, avaliada em US$ 10 milhões, foi usurpada do marchand de arte J.K. Thannhauser na capital francesa, durante a Segunda Guerra Mundial, no regime nazista.

Thannhauser tinha obtido a obra da viúva judia Carlota Landsberg, que a deixou sob sua custódia após fugir de Berlim (Alemanha) em 1938. Embora a perda de *Mulher de branco* tenha sido denunciada em 1947, sua atual proprietária, a colecionadora americana Marilynn Alsford, diz que comprou o quadro em Nova York, em 1975, por US$ 357 mil, conforme publicou *hoje o jornal inglês The Times*.

A tela foi usurpada em 1940, em Paris, pelos nazistas

Mas os descendentes de Landsberg querem recuperá-lo agora e abriram um litígio contra Alsford, que, por enquanto, nega-se a devolver a tela ou a pagar seu preço. O estudante Thomas Bennigson, neto de Carlota Landsberg, soube de seus direitos sobre o quadro ao ser contatado pelo Registro de Arte Perdida.

O quadro foi pintado no início dos anos 20, inspirado na mulher que se tornou sua musa na época, a impetuosa americana Sara Murphy, mulher do também pintor Gerald Murphy. O casal privava da companhia de vários artistas importantes da época, e Sara inspirou um dos personagens mais importantes do livro *Suave é a noite*, de F. Scott Fitzgerald. Diz-se que Picasso teria mantido um caso com ela e produzido vários quadros tendo-a como musa, entre os quais o mais importante é *Mulher de branco*.

Agência EFE

Dom João VI perseguido

Peça que causou polêmica em Portugal por transformar o monarca em vítima do conservadorismo ganha montagem no Rio



Fotos Luiz Morier



'D. JOÃO VI', em montagem da Companhia Ensaio Aberto, criada por Luiz Fernando Lobo (alto), que também atua na peça: estréia amanhã para o público no CCBB

CLÁUDIA AMORIM
REPÓRTER DO JB

Popularmente, quando se fala em Dom João VI, o que vem à mente é uma figura patética, lembrada como o feioso que costumava carregar frangos nos bolsos e cultivar a parcimônia com os hábitos de higiene – imagem consagrada graças a produções de cinema e televisão, como o filme *Carlota Joaquina* e a minissérie *O quinto dos infernos*. Mas o Dom João VI que sobe ao palco do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) amanhã, na peça que leva o nome do rei, encenada pela Companhia *Ensaio Aberto*, se está longe de ser um herói, é ao menos retratado como uma figura positiva na história do Brasil e de Portugal.

– Quando tinha chance de fazer alguma coisa boa, ele fazia. Diante da história de Dom João VI, penso: eu tenho que defender essa figura e tenho que respeitar essa pessoa do ponto de vista humano – diz o português Helder Costa, autor e diretor do espetáculo.

Indo adiante das contribuições de Dom João VI que se tornaram célebres, como o Jardim Botânico, a Biblioteca Nacional e o Banco do Brasil, o rei que Helder Costa mostra é um soberano com preocupações sociais, que combateu o absolutismo e a extrema direita da época, aprovando uma Constituição (1824) progressista em Portugal, além de se contrapor a interesses externos de grandes potências – França e Inglaterra. E Helder Costa ousa: sua tese é a de que Dom João VI pagou com a morte por envenenamento por suas posições louváveis. E, em última instância, a culpada seria a vilã-mor: Carlota Joaquina.



HELDER COSTA

– Eu não sei se foi assim, mas o enredo é bom. Que ele morreu envenenado, é o que se supõe – considera o escritor Eduardo Bueno, autor de livros de História do Brasil.

Helder Costa, que encenou pela primeira vez o espetáculo com seu grupo A Barraca em 1979, em Portugal, levantando com a iniciativa uma baita polêmica, com direito a debates em rede nacional, confirma a história, munido de recortes de jornal da época.

– Nos debates, ninguém teve como contestar minhas pesquisas e a idéia de que o perfil dele atraía a ira e o perigo das forças conservadoras. E, depois disso, várias descobertas históricas endossaram o fato de que ele morreu envenenado – enfatiza Helder.

Como cita Eduardo Bueno, os livros de história contam: "Dom Pedro I foi surpreendido pela morte do pai, aos 58 anos, em abril de 1826, sem que se soubesse que ele estava doente...". Helder Costa, que foi assistente de direção e co-autor do primeiro espetáculo criado logo depois da Revolução dos Cravos (1974), em Portugal, *Liberdade, liberdade*, e dirigiu montagens na Espanha, Dinamarca e Moçambique, além de Brasil e Portugal, enquanto não é contrariado pelos registros históricos, não tem dúvidas. E segue com sua verve revolucionária, comparando Dom João VI ao presidente Lula.

O autor e diretor Helder Costa compara D. João VI a Lula

– Como Dom João VI, Lula tem que lutar pela independência. E, nessa luta, ele acaba despertando interesses contrários perigosos. Fico admirado de ele tomar decisões óbvias, como reverter verbas de outros setores para o combate à fome, mas imagino que interesses são feridos com isso – diz o diretor.

Além do aniversário de dez anos da Companhia Ensaio Aberto, a peça marca a estréia do grupo com um diretor convidado. Luiz Fernando Lobo, o diretor da companhia, também achou que o espetáculo *Dom João VI* caía sob medida na situação atual do país.

– Nossa companhia se ocupa de um repertório que discuta questões sociais e políticas. E atualmente achamos que os perigos internos e externos enfrentados por Dom João VI também são um desafio contemporâneo no Brasil – acredita Luiz Fernando, que faz parte do elenco.

A peça, que, além de crítica social, abusa do humor e da sátira – mas não em relação ao rei e, sim, a ideologias, comportamentos e instituições, como ressalta o autor – foi premiada nas décadas de 70 e 80, quando foi montada no Brasil.

D. João VI. CCBB (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). De quarta a domingo, às 19h. R$ 10 e R$ 5 (estudantes e maiores de 65 anos).

amorim@jb.com.br